

O Desenvolvimento no Mundo

1 - O que é afinal um país desenvolvido?

Um país desenvolvido, segundo os padrões das sociedades consumistas contemporâneas, é um país que tem um PIB per capita superior e que possui um índice de desenvolvimento humano (IDH) elevado. O IDH mede três dimensões: riqueza, educação e esperança média de vida e é uma maneira padronizada de avaliação e medida do bem-estar de uma determinada população. Os países desenvolvidos geralmente são os que apresentam IDH elevado. Países que não entram em tais definições são classificados como países em desenvolvimento ou subdesenvolvidos. Outro critério económico é a industrialização. Os países onde os sectores terciários e quaternários da indústria predominam na economia são considerados desenvolvidos.

2 - Exemplos de países desenvolvidos:

Estes países situam-se principalmente na Europa, América Anglo-saxónica e na Oceânia. A América Latina não conta com nenhum país desenvolvido, mas conta com vários países em processo de desenvolvimento e países emergentes, como o Brasil, Argentina e México. Tais países possuem um elevado IDH e um PIB grande, mas mesmo assim lutam contra problemas sociais, como a desigualdade. Já a África não possui nenhum país desenvolvido. Na Ásia, os únicos considerados desenvolvidos são o Japão, Israel e os Tigres Asiáticos (Coreia do Sul, Taiwan e Singapura). O conceito de Primeiro Mundo está intrinsecamente ligado a esta definição de países.

3 - Quais são os aspectos (variáveis) chave para o desenvolvimento de um país?

Inovação é a chave para o desenvolvimento nacional ao nível de I&D, sendo Portugal um dos países com índices mais reduzidos nesta área. É, mas não ao nível do Estado. Em termos do Estado, a percentagem do PIB aplicada em I&D está perfeitamente alinhada com a média europeia. Se esse dinheiro vai para produtos e criação de riqueza em concreto ou se vai para questões esotéricas, isso eu não sei. Agora, ao nível da indústria e das empresas privadas, o investimento em I&D é muito baixo.

Não só é muitíssimo baixo como Portugal não tem tido capacidade de ir buscar fundos à Europa para I&D. No último Programa Quadro, os fundos que Portugal foi buscar para I&D corresponderam a 1/3 dos valores que a Grécia conseguiu. Isto é sintomático. Através da aposta na inovação, na tecnologia, na engenharia. Porque é que o ensino superior canaliza tantas pessoas para as áreas das ciências sociais e humanas? Precisamos de mais engenheiros. É necessário reforçar o prestígio da engenharia e da classe dos engenheiros, porque isso também é um incentivo para os jovens optarem pela engenharia. Hoje em dia, quando falo com jovens e lhes pergunto o que querem estudar, a maioria responde que quer seguir gestão. E eu pergunto-lhes o que é que vão gerir. Primeiro há que aprender alguma área. Portugal tem poucos engenheiros. Os países desenvolvidos têm uma percentagem de engenheiros per capita muito superior a Portugal.

4- Porque há tantas diferenças entre o nível de desenvolvimento dos países?

A informação estatística disponível mostra que, nos últimos 20 anos, verificou-se um aumento das desigualdades entre países e, em geral, o mesmo aconteceu na distribuição do rendimento entre indivíduos dentro de cada país. O rendimento per capita mundial aumentou, mas aumentou também a diferença entre os mais ricos e os mais pobres. Em 1960 o rendimento dos 20% mais ricos da população do mundo era 30 vezes o rendimento dos 20% mais pobres; hoje é 90 vezes maior. Contudo, se olharmos para o grupo de países em vias de desenvolvimento que abriram as suas economias ao exterior, verifica-se que o seu rendimento per capita cresceu mais rapidamente do que o dos países ricos. É por isso que alguns autores afirmam que a globalização é um factor de convergência entre países ricos e pobres. Querem com isto dizer que os países pobres que, perante o fenómeno da globalização com que estão confrontados, adoptarem políticas correctas conseguem crescer a ritmo mais rápido do que os países ricos. Embora um país como um todo tenda a ganhar com a globalização, há grupos da população que ganham e outros que perdem. Tendem a ganhar os indivíduos com melhores qualificações. Em geral perdem aqueles que têm dificuldade em se adaptarem às mudanças tecnológicas e aqueles que trabalham em sectores que anteriormente gozavam de protecção ou em sectores de procura pouco dinâmica. A ética da governação não permite que se ignorem os custos que se abatem sobre estes cidadãos. A resposta conjuntural está na criação de adequadas redes de segurança social que protejam os níveis de consumo daqueles que são negativamente atingidos pela liberalização. Contudo, num mundo globalizado, a estratégia mais adequada para o combate às desigualdades e à exclusão social dentro de um país está na adopção de políticas públicas dirigidas à igualdade de oportunidades dos indivíduos, principalmente através da educação, da formação profissional, da saúde, da habitação e da segurança.

Dados:

Relatório do Desenvolvimento Humano Anual das Nações Unidas de 2009

<http://www.undp.org/>

Elaborado por:

Tiago Leitão nº34128